A HERANÇA AFRICANA NA FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICA E SOCIOHISTÓRICA

Arnaldo Ricardo do Nascimento (UECE)

Resumo: Este artigo analisa a influência decisiva das línguas africanas, notadamente as do tronco banto e iorubá, na formação do português brasileiro. Partindo de uma perspectiva sociolinguística e histórica, argumenta-se que a população africana escravizada e seus descendentes não foram meros receptores passivos da língua portuguesa, mas agentes ativos na sua transformação em um novo idioma. O estudo examina evidências nos níveis fonético-fonológico, morfossintático e lexical, demonstrando como o contato linguístico intenso e prolongado, em um contexto de dominação e resistência, moldou características fundamentais do português falado no Brasil. Conclui-se que a estrutura do português brasileiro contemporâneo é incompreensível sem se considerar o substrato africano como um de seus pilares constitutivos.

Palavras-chave: Português Brasileiro. Influência Africana. Sociolinguística Histórica. Contato Linguístico. Línguas Bantas.

Abstract: This article analyzes the structural influence of African languages on Brazilian Portuguese (BP), based on historical, phonetic, morphosyntactic, and lexical evidence. It argues that the enslaved African population and their descendants were active agents in transforming European Portuguese (EP) into a distinctive linguistic variety. The study demonstrates how phonological traits (such as vowel reduction), syntactic features (like non-standard verbal agreement), and lexical elements (in domains such as culture, food, and religion) were shaped by intense linguistic contact during the colonial period. It concludes that denying this heritage represents a historical and linguistic erasure.

Keywords: Brazilian Portuguese. African Influence. Historical Sociolinguistics. Language Contact. Bantu Languages.

1. Introdução

A formação do português brasileiro (PB) é um processo complexo e multifacetado, frequentemente resumido de maneira simplista à importação da língua de Camões para os trópicos. No entanto, a realidade histórica e linguística revela um quadro muito mais rico e dinâmico, onde o contato entre línguas foi a regra, não a exceção. Entre os diversos fatores que atuaram nesse processo, a influência das línguas trazidas pelos milhões de africanos escravizados se destaca como uma força estruturante e fundamental.

> A língua que falamos no Brasil não é simplesmente o português de Portugal transplantado para a América. É um novo idioma, forjado no cadinho das relações sociais, do contato entre povos e no contexto brutal da escravidão (Lucchesi, 2015, p. 28).

O objetivo deste artigo é demonstrar, com base em evidências linguísticas e históricas, que o negro escravizado foi um agente central na criação do português brasileiro como uma variedade linguística distinta. Longe de ser uma mera "corrupção" do português europeu (PE), o PB incorporou traços fonéticos, sintáticos e lexicais das línguas africanas, criando um sistema coeso e peculiar.

Para tanto, o artigo está estruturado da seguinte forma: após esta introdução, a **Seção 2** contextualiza historicamente a presença africana no Brasil. A **Seção 3** aborda a influência no nível do léxico. A **Seção 4** analisa as contribuições fonéticas e fonológicas. A **Seção 5** discute o impacto morfossintático, o nível mais profundo e controverso da influência. A **Seção 6** apresenta as considerações finais, seguidas pelas referências bibliográficas.

2. Contexto histórico: o cenário do contato linguístico

A compreensão da influência linguística africana exige o reconhecimento da dimensão demográfica da escravidão. Estima-se que entre 4,5 e 6 milhões de africanos tenham sido trazidos forçadamente para o Brasil (Alencastro, 2000). Em regiões como a Bahia, Minas Gerais e o Rio de Janeiro, a população de origem africana chegou a ser majoritária por longos períodos.

Nesse cenário, o contato linguístico era intenso e desigual. A língua portuguesa era o idioma de prestígio e da administração, mas as línguas africanas eram os meios de comunicação nos quilombos, nas senzalas e nos espaços de sociabilidade negra. Um fator crucial foi o papel das **amas-de-leite** (mães pretas), mulheres escravizadas responsáveis por criar e socializar as crianças brancas da elite.

> Foi no colo da ama africana ou afrodescendente que a grande maioria das crianças das classes dominantes aprendeu a falar. Essas mulheres foram, portanto, as primeiras transmissoras da língua para uma parcela significativa da população brasileira, inoculando na fala das novas gerações traços de sua própria fonética e sintaxe (Castro, 2005, p. 74).

Esse contexto de aquisição da língua em um ambiente de bilingualismo e sob a influência de falantes não nativos criou as condições ideais para a **crioulização** – o surgimento de uma nova língua a partir do contato –, um processo que, segundo alguns estudiosos, pode ter sido a gênese do PB (Baxter, 2004).

Como a população africana e afrodescendente superava numericamente a europeia. Esse desequilíbrio demográfico criou condições ideais para o contato linguístico. As línguas bantas (como quimbundo e quicongo) e iorubá tornaram-se veículos de comunicação em

senzalas, quilombos e irmandades religiosas. Um fator crucial foi o papel das **amas-de-leite**, mulheres escravizadas responsáveis pela socialização linguística das crianças brancas.

3. A influência no léxico: palavras que contam uma história

A contribuição lexical é a mais visível e inconteste. Centenas de palavras de origem africana foram incorporadas ao vocabulário cotidiano do brasileiro, transcendendo os limites das comunidades negras.

- **Léxico de Origem Banto (principalmente do Quimbundo e Quicongo):** Esse grupo é numericamente o mais significativo. Inclui termos como:
- **Casa e Alimentação:** *caçula, moleque, quitute, mingau, fubá, quitanda, coxinha.*
- **Corporalidade e Ação:** *bunda, cafuné, xingar, bagunçar, camundongo.*
- **Religião e Cultura:** *samba, maracatu, berimbau, caxixi, macumba, tanga.*
- **Léxico de Origem Iorubá (ou Nagô):** Fortemente associado à cultura e religiosidade afro-brasileira na Bahia:
- **Religião:** *orixá (Oxalá, Iemanjá, Xangô), axé, egum, babalorixá, iaô.*
- **Alimentação:** *acarajé, vatapá, caruru, abará, dendê.*

> O léxico de origem africana no português do Brasil não se restringe a nomes de comidas e danças. Ele permeia a linguagem comum, designando desde relações de parentesco (‘caçula’, ‘moleque’) até estados de espírito e ações (‘banzo’, ‘caxingar’) (Melo, 1975, p. 112).

Essas palavras não são meros empréstimos; são a materialidade linguística da profunda integração da cultura africana na formação da sociedade brasileira.

> “O vocabulário de origem africana no PB não se limita a nichos culturais; está incorporado ao núcleo da língua cotidiana” (Melo, 1975, p. 115).

Estudos estimam que mais de 2.000 palavras no PB tenham origem africana, com destaque para o tronco banto (Castro, 2005).

4. Influências fonéticas e fonológicas: a melodia da fala

As línguas africanas também deixaram sua marca na sonoridade do PB. Duas influências são particularmente notáveis:

4.1. A redução das vogais átonas: Enquanto no PE as vogais átonas finais são frequentemente reduzidas ou suprimidas (ex.: "portuguêsh"), no PB elas tendem a ser pronunciadas de forma mais aberta e clara (ex.: "portuguêsE"). Essa tendência é atribuída ao

sistema vocálico das línguas bantas, que possuem um inventário vocálico simétrico e pouco sujeito a reduções (Lucchesi; Baxter; Ribeiro, 2009).

4.2. A entonação: A entonação melodiosa e característica do PB, especialmente em variedades como a baiana, apresenta semelhanças com as línguas africanas, muitas das quais são **tonais** – ou seja, a altura do som (tom) pode distinguir o significado de palavras escritas da mesma forma. Embora o PB não seja uma língua tonal, a herança prosódica (de entonação) é perceptível.

A prosódia melodiosa do PB, especialmente no Nordeste, assemelha-se a padrões tonais de línguas africanas, como o iorubá.

5. Influências morfossintáticas: a estrutura profunda da língua

Este é o nível de análise mais complexo e que gera mais debate, pois envolve a gramática interna da língua. É aqui que se encontra a evidência mais forte de que o PB é, em certa medida, uma língua recriada.

5.1. A concordância verbal: Um dos traços mais distintivos do PB, especialmente em suas variedades populares, é a flexão na concordância verbal. Frases como "**nós vai** ao mercado" ou "**as mulher** chegou" são comuns. Para a gramática normativa, isso é um "erro". Para a sociolinguística, é a manifestação de um sistema gramatical diferente.

> A concordância verbal no português popular brasileiro, notadamente a de 1ª pessoa do plural (‘nós vai’), segue um padrão encontrado nas línguas bantas, que não possuem o mesmo sistema de marcação de pessoa e número no verbo que as línguas românicas. Trata-se da transferência de uma regra gramatical de um sistema linguístico para outro (Lucchesi, 2015, p. 134).

Essas Estruturas como *“nós vai”* ou *“as mulher chegou”* seguem padrões das línguas bantas, que não marcam flexão de pessoa e número da mesma forma que o PE.

5.2. A colocação dos pronomes oblíquos: No PE culto, a ênclise ("dê-me") é frequente. No PB, a próclise ("me dê") é o padrão dominante, mesmo em contextos onde a norma padrão exige a ênclise. Essa preferência pela posição pré-verbal do pronome é outra característica que estudiosos associam ao substrato africano (Cyrino, 2010).

5.3. O sistema de posse: A dupla marcação de posse, como em "**casa sua** de você", é um fenômeno comum no PB falado que encontra paralelos em línguas africanas, onde a redundância é um mecanismo gramatical válido para enfatizar a relação de posse.

> A concordância não padrão no PB é um reflexo de sistemas gramaticais africanos reorganizados no contexto do contato linguístico (Lucchesi, 2015, p. 142).

6. Considerações finais

A análise apresentada ao longo deste artigo deixa claro que a afirmação "o negro escravo criou o português brasileiro", embora sintética, é fundamentada em sólidas evidências científicas. A contribuição africana não foi periférica ou folclórica; foi estrutural. Ela moldou a sonoridade, enriqueceu o vocabulário e reorganizou as regras gramaticais internas do português que se falaria no Brasil.

Reconhecer essa herança é mais do que um exercício acadêmico. É um ato de justiça histórica e de reconhecimento da centralidade da população negra na construção da nacionalidade brasileira. A língua é um espelho da sociedade: o PB, com sua gramática plural e seu léxico mestiço, reflete a própria formação mestiça e complexa do povo brasileiro.

> Negar a influência africana no português do Brasil é, portanto, negar uma parte fundamental de nossa história e de nossa identidade. A língua que falamos carrega, em sua própria estrutura, a memória e a resistência de milhões de africanos e seus descendentes (Castro, 2005, p. 158).

A formação do PB é incompreensível sem o reconhecimento da herança africana. Evidências lexicais, fonéticas e morfossintáticas demonstram que a população escravizada não apenas adotou o português, mas o reinventou, criando uma variedade linguística distinta. “A língua é um arquivo vivo da história. O PB guarda, em sua estrutura, a memória da resistência e da criatividade cultural africana” (Castro, 2005, p. 163).

O português brasileiro é, assim, um monumento vivo à resistência cultural e à capacidade humana de criar e transformar, mesmo nas condições mais adversas.

Referências

ALENCASTRO, L. F. de. **O trato dos viventes:** formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BAXTER, A. N. A transmissão linguística irregular: o papel do womenfolk no passado crioulo do Português Brasileiro. In: **D.E.L.T.A.**, v. 20, n. 2, p. 201-232, 2004.

CASTRO, Y. P. de. **Falares africanos na Bahia:** um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

CYRINO, S. M. L. Sobre a origem da posição dos clíticos no português brasileiro. In: **Estudos Linguísticos e Literários**, n. 42, p. 89-108, 2010.

LUCCHESI, D. **Língua e sociedade partidas:** a polarização sociolinguística do Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MELO, G. C. de. **A língua do Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.